



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras  
UNESP – Campus de Assis  
ISSN: 1984-2899  
www.assis.unesp.br/miscelanea  
*Miscelânea*, Assis, vol.6, jul./nov.2009



# **A REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE EM *O PRESIDENTE NEGRO*, DE MONTEIRO LOBATO**

Maicon Alves Dias  
(Mestrando — UNESP/Assis)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura da obra *O presidente negro*, de Monteiro Lobato, relacionando aspectos observados no texto com a teoria sobre o romance e seus aspectos formais. É objetivo, também, verificar “os narradores” do texto, o romance como representação da realidade, a sociedade retratada e o plano “futurista” da obra em questão e a alegoria utilizada no texto como forma de representação da realidade. Esta obra, escrita por Monteiro Lobato em 1926, apresenta uma visão futura de uma sociedade que está em crise por questões raciais, políticas, econômicas, discussões sobre o feminismo, machismo e, fundamentalmente, questões ligadas às transformações de uma sociedade e sua representação e a relação com a sociedade “presente”.

## PALAVRAS-CHAVE

Monteiro Lobato; *O presidente negro*; alegoria; representação da realidade.

## ABSTRACT

This essay aims to present the Monteiro Lobato's work *O presidente negro* comparing aspects observed in the text with the theory about the novel and the formal aspects. Its goal is also to observe the narrators from the text, the novel as the representation of reality, society shown and the futurist plan of its work and the allegory used in the text as a way to represent the reality. This work, written by Monteiro Lobato in 1926, presents a future view of a society which is in crisis for racial, political, economical issues and discussions about feminism, male chauvinism and, fundamentally, issues about transformation of a society, its representation and the relation with the present society.

## KEY WORDS

Monteiro Lobato; *O presidente negro*; allegory; reality representation.

## O romance lobatiano

**O**riginalmente denominado de *O choque das raças*, o único romance destinado ao “público adulto”, *O presidente negro*, escrito e divulgado no folhetim *A Manhã* entre cinco de setembro e 1º de outubro de 1926, convida os leitores a olhar para o futuro através de uma engenhoca denominada *porviroscópio* e convida, principalmente, a refletir sobre o “presente” através das transformações sociais, políticas, tecnológicas, econômicas e comportamentais observadas no futuro, do tempo da narrativa do romance, através deste aparelho.

O narrador — personagem da trama é Ayrton Lobo, funcionário humilde de uma empresa denominada Sá, Pato & Cia., que, num certo dia, decide comprar um carro, especificamente um Ford, e sente-se superior ao ponto de sair pelas ruas da cidade para saborear os prazeres de não ser mais um pedestre. Sem se dar conta, afasta-se da cidade e vai parar num lugar ermo, tranqüilo e se depara com um castelo. Envolvido pela beleza do lugar, distrai-se e cai num penhasco. É socorrido pelo proprietário do castelo, Professor Benson e sua filha Miss Jane, que o abrigam por uns dias até que se restabeleça.

A partir deste encontro, o protagonista Ayrton Lobo envolve-se numa espetacular história que mescla realidade e ficção e presente e futuro e, com isso, Monteiro Lobato nos propõe uma leitura alegórica da sociedade brasileira e norte-americana estabelecendo uma dialética entre os dois tempos, enaltecendo os valores da sociedade norte-americana, que foi eleita como modelo de organização e desenvolvimento por Lobato, e nos convida a participar das discussões políticas norte-americanas no ano futuro de 2228.

Enquanto Ayrton Lobo é o narrador-protagonista da trama desenvolvida no “presente”, Miss Jane será a narradora dos acontecimentos futuros observados no *porviroscópio*, mas relatados ao protagonista no presente da enunciação. Temos aqui uma narrativa dentro de outra narrativa. Com isso, é possível estabelecer dois sujeitos com seus pontos de vista particulares, sendo

o Ayrton Lobo narrador e sujeito do presente e Miss Jane narrador dos acontecimentos do futuro.

Deste modo, é fundamental retomar uma idéia de Bakhtin que diz:

[...] a pessoa que fala e seu discurso constituem o objeto que especifica o romance, criando a originalidade deste gênero. Mas no romance, naturalmente, não se representa apenas o homem que fala, e este homem não é representado apenas como falante (BAKHTIN, 1998, p. 136).

E ainda,

A ação, o comportamento do personagem no romance são indispensáveis tanto para a revelação como para a experimentação de sua posição ideológica, de sua palavra (BAKHTIN, 1998, p. 136).

Assim, o mundo representado no romance *O presidente negro* é exposto através da linguagem criada por Miss Jane, que é o mundo fantástico, “distante” e alegórico observado através do porviroscópio e, também, o mundo “real”, representado pela linguagem de Ayrton Lobo. Este paralelo entre o presente, que é a realidade burocrática e crítica do Brasil sentenciada pelo narrador Ayrton Lobo, e o futuro, que é a sociedade americana com suas polêmicas discussões e “avanços” colocados de forma alegórica pela personagem Miss Jane, é o mote que vai engendrar o eixo central do romance de Monteiro Lobato.

Com este paralelo, é possível perceber a tipificação das personagens que, na figura de Ayrton Lobo, representa o funcionário humilde e sem perspectivas que não pensa e apenas obedece ao sistema imposto. Já a personagem Miss Jane tipifica, além da mulher autônoma, pois é ela quem vê o futuro através da máquina porviroscópio criada por seu pai — o professor Benson, a figura do progresso e desenvolvimento que o conhecimento pode proporcionar. Sendo assim, as personagens estão a serviço de dois “mundos” opostos colocados um em cada extremo — passado e futuro, sendo o presente a representação deste paralelo através do romance.

Este paralelo poderia supor uma interpretação do ponto de vista biográfico do autor Monteiro Lobato que, de forma irônica e contundente, sempre criticou o atraso do Brasil em relação a outros países desenvolvidos, como é o caso dos Estados Unidos da América. Diante disto, temos um exemplo claro da preocupação de Monteiro Lobato em representar a realidade através do romance *O presidente negro*. Seja de forma alegórica ou não, cada personagem e acontecimento refletem sobre a realidade de seu tempo que, para nós leitores, continua atual.

A sociedade americana do futuro, narrada pela personagem Miss Jane ao personagem Ayrton Lobo, encontrava-se no ano de 2228. Nessa época, os Estados Unidos passavam por um processo eleitoral que, além da disputa de partidos, havia a disputa de raças, de sexos e classes sociais. Na disputa pela cadeira presidencial estavam Miss Evelyn Astor, do Partido Feminino, e o senhor Kerlog, presidente em exercício e candidato à reeleição. Muitas questões são abordadas durante a disputa presidencial entre esses dois candidatos no sentido do poder feminino e masculino até que, surpreendentemente, surge outro candidato — Jim Roy — líder da comunidade negra que em vez de apoiar um dos dois partidos, resolve lançar candidatura própria, para surpresa dos outros dois partidos. O Partido Feminino queria a derrocada do Partido Masculino, então resolve apoiar o candidato negro para desespero de Kerlog. Até a candidatura do representante negro, a história se ocupava com das teorias feministas de Miss Evelyn Astor e de suas companheiras contra a dominação dos homens na sociedade atual (que era no ano de 2228).

Com a candidatura de Jim Roy, o candidato negro, único até então na história do país, as representantes feministas “desistem” de suas teorias conspiratórias contra os homens e aliam-se a eles em nome da preservação da “espécie” branca no poder.

Estes personagens do futuro, apresentados por Miss Jane, disputaram todo o tempo da história visto no porviroscópio por Miss Jane, o poder da Casa Branca e, assim, debateram todas as questões étnicas, sociais e culturais que

atingiam cada grupo. O Partido Masculino, representado por Kerlog, estabeleceu uma disputa ideológica pautada por questões raciais, o que implicou num ponto polêmico; já o candidato Jim Roy lembrou a todo o momento as humilhações sofridas por seu povo e a importância do mesmo para a construção do país, sugerindo até a divisão do território.

Depois de muito embate entre esses dois representantes do poder na política americana, o grupo de Kerlog, composto de vários ministros experientes, encontrou uma solução para o problema que os afligia. Esse grupo de notáveis criou um raio Ômega, uma espécie de "branqueamento" dos negros que resultava em despigmentação da pele e alisamento dos cabelos. Traídos pela novidade, os negros não desconfiaram que, por trás dessa revolução da estética, houvesse um esquema para deixar todos os negros estéreis e, assim, liquidar com a raça negra naquele país e, conseqüentemente, com os planos de Jim Roy.

Há, nesse trecho polêmico do texto, muitas perguntas pertinentes e impertinentes com relação ao preconceito que muitos críticos fazem da leitura do texto de Monteiro Lobato, porém é evidente que, como Lobato sempre foi um crítico de costumes e de cópias de costumes alheios, a crítica que se faz é do modismo, a sociedade que tudo copia como se estivesse embriagada pelo desejo de querer algo que é comum a todos e que é eleito como o uso do momento.

Para isso, é importante destacar um trecho do texto no qual a personagem Ayrton questiona e critica:

O desencarapinhamento constituía o ideal da raça negra, mas até ali a ciência lutara em vão contra a fatalidade capilar. Se isso se desse, poderia o caso negro entrar por um caminho imprevisto, a perfeita camouflage do negro em branco (LOBATO, 2008, p. 121).

Em outro momento do texto, Ayrton, ao perguntar a Miss Jane sobre as conseqüências do visual alterado dos negros, recebe a seguinte resposta:

[...] cor de cabelo bem sabe o senhor Ayrton que não é coisa que dependa da natureza e sim da moda. Hoje, por exemplo, é

moda o louro, e nas ruas só vemos louras — louras que amanhã aparecerão de cabelos negros como asa de corvo, se assim o determinar a moda (LOBATO, 2008, p. 173).

Nesta passagem alegórica do texto, é possível perceber a crítica que se faz aos costumes das pessoas em seguir determinadas “regras” sociais em nome da moda. Percebemos, também, como o discurso entre Miss Jane e Ayrton é realizado num tempo presente com exemplos retirados de situações vistas através do porviroscópio em algum lugar do futuro. Assim a representação do mundo no romance é realizada pelos discursos de Ayrton e Miss Jane, cada um representante de um tempo, mas que se entrecruzam na forma do discurso presente do mundo narrado.

Nesta desordem aparente de um discurso sobre o outro representado pelos personagens, é possível destacar a afirmação de Antonio Candido sobre o verdadeiro sentido da literatura:

[...] o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior supõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido (CANDIDO, 2004, p. 178).

Assim, essas questões políticas e de comportamento das raças representam questões atuais da sociedade moderna que discute, ainda, o papel do negro, do branco e do índio numa sociedade miscigenada como a nossa. Nesta ordem, é impossível não destacar o sistema de cotas e de inclusão social privilegiada nas discussões políticas do governo brasileiro e que ainda não agradou a todos de forma satisfatória.

O autor Monteiro Lobato, apesar de ser mais conhecido por suas obras destinadas ao público infantil, mostra nesse “romance para adultos” que sua grandiosidade como autor independe do público que o lê. A ironia, a crítica e a preocupação com o homem e a sociedade, tão presentes em suas obras infantis, se fazem presentes também no romance *O presidente negro*. Exemplo

disso, podem ser as personagens femininas, tanto Emília quanto Miss Jane representam mulheres que têm o poder de discursar, convencer e atrair para si as atenções.

Outra característica de Lobato é a sua intenção de despertar os leitores e a sociedade para os problemas que atrasavam o país na época em que vivia e mostrar que era possível o Brasil ser um país desenvolvido aos moldes dos Estados Unidos. Antecipando discussões e prevendo fatos, Monteiro Lobato era um homem muito a frente de seu tempo, por isso, muitas vezes incompreendido.

### **A construção do romance dentro do romance**

Toda a história vista através do porviroscópio e contada por Miss Jane ao personagem Ayrton Lobo tinha um propósito. Ele deveria transformar essas histórias num romance. Desta forma, a história é contada por Miss Jane dentro do romance *O presidente negro* e o personagem Ayrton retirava inspirações para escrever sua obra a partir desses relatos.

Essa criação artística seria uma forma de Ayrton se aproximar mais de Miss Jane e conquistar sua atenção e admiração. Por isso, tão logo começou a escrever sobre as eleições americanas e todos os fatos trágicos, levou seus manuscritos para a amada que, num primeiro momento, não gostou do que leu e orientou que rasgasse o que havia escrito e jogasse fora, mas que não desistisse de escrever novamente.

Diante do desânimo de Ayrton, Miss Jane diz:

— Que vaidosos os moços! Lembre-se de meu pai. Quantas vezes fazia e refazia a mesma experiência, com uma paciência de beneditino! Por isso venceu. Lembre-se do esforço incessante de Flaubert para atingir a luminosa clareza que só a sábia simplicidade dá. A ênfase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem com a arte de escrever, porque é artifício e o artifício é a cuscuta da arte. Puros maneirismos que em nada contribuem para o fim supremo: a clara e fácil expressão da idéia (LOBATO, 2008, p. 200).

Parece-nos um tratado de criação e estética. Ainda tentando convencer o personagem Ayrton, Miss Jane esclarece que “- Estilo o senhor Ayrton só o terá quando perder em absoluto a preocupação de ter estilo. Que é estilo, afinal?” (LOBATO, 2008, p. 200).

Agora o discurso entre os dois personagens é dirigido de tal forma a discutir sobre o processo de criação e a refletir sobre a melhor maneira de escrever um romance. Escrever sem preocupação com o estilo ou escrever seguindo determinadas regras. Os personagens, nessa discussão, evidenciam a intenção do autor em demonstrar o processo de criação através do recurso da metanarração.

### **A alegoria como representação da realidade**

Diante da leitura do romance *O presidente negro* saltam-nos aos olhos as inúmeras coincidências “previstas” através do porviroscópio. Essa engenhoca, aliás, que é um equipamento que possibilitava aos personagens Professor Benson e Miss Jane olhar o futuro e os acontecimentos mais importantes, pode ser interpretada como uma construção alegórica chamando-nos à realidade de se planejar o futuro e transformar a sociedade atrasada, que era o Brasil da década de 20 do século passado, em um país desenvolvido. Na verdade, o futuro demonstrado pelo porviroscópio já existia. Monteiro Lobato sempre esteve em contato com as transformações tecnológicas, econômicas, políticas e sociais recorrentes na América. Após a publicação de *O presidente negro*, Lobato viaja para os Estados Unidos a serviço do governo brasileiro e afirma que a América retratada em seu romance estava absolutamente de acordo com o que viu por lá.

Portanto, retomando os elementos alegóricos do texto como o castelo, a cidade, o equipamento porviroscópio, o raio Ômega, os próprios personagens representando o Partido Feminino, o Partido Masculino e o representante da raça negra é possível perceber a intenção de um discurso que nos diz mais do que está representado no livro, ou seja, os elementos “visíveis” nos remetem a



uma idéia primeira, mas é necessária uma leitura, uma análise posterior para revelar o verdadeiro sentido desses elementos disponíveis na superfície do texto.

Convém retomar a idéia de Hansen (1986) que conclui:

[...] frente a um texto que se supõe alegórico, o leitor tem dupla opção: analisar os procedimentos formais que produzem a significação figurada, lendo-a apenas como convenção lingüística que ornamenta um discurso próprio, ou analisar a significação figurada nela pesquisando seu sentido primeiro, tido como preexistente nas coisas e, assim, revelado na alegoria (HANSEN, 1986, p. 2).

Com isso, é possível compreender alguns exageros e ataques destinados ao autor Monteiro Lobato por seus temas polêmicos, como a segregação entre brancos e negros, e a guerra dos sexos. Essas leituras apressadas, na verdade, podem camuflar a tentativa do autor de retratar seu tempo e sua sociedade, numa época que os brasileiros não colocavam em pauta discussões tão liberais e que não permitiam, retomando a figura de Miss Jane, uma mulher tomar o controle da situação e ser a portadora do novo e daquilo que está por vir.

À luz dos acontecimentos atuais, principalmente no ano de 2008, os pontos comuns do enredo do romance *O presidente negro* com a situação política norte-americana chamam-nos a atenção. A disputa entre os senadores Barack Obama e Hillary Clinton pela vaga democrata nas eleições presidenciais norte-americanas suscitou muitas discussões parecidas com as encontradas no romance de Lobato. O fato de um candidato negro concorrer à presidência da maior potência econômica mundial chamou a atenção do mundo inteiro.

No romance de Lobato, o presidente eleito Jim Roy não chega a assumir seu cargo devido à conspiração do raio Ômega. Nos Estados Unidos muitos artigos, livros e discussões foram direcionados no sentido de buscar o passado familiar, político e comportamental do candidato negro Barack Obama com o objetivo de mostrar sua inexperiência e um eventual “perigo”, caso fosse eleito, no comando do país mais influente do planeta.

Com isso, é possível concluir que o romance *O presidente negro*, apesar de retratar uma sociedade alegórica dos anos 20 do século passado do Brasil e do ano 2228 dos Estados Unidos, retrata a verdadeira essência do homem que busca o poder de qualquer forma e em qualquer circunstância. A proposta do debate, feita por Lobato, sobre questões modernas faz sentido nos dias de hoje, porém a peça fundamental das mudanças parece continuar do mesmo jeito que no tempo de Lobato, ou seja, o homem não mudou e a perspectiva de uma nova situação, de algo que fuja do controle, ainda parece amedrontar. Essa situação nos remete ao mito da caverna, da obra *A República*, de Platão, que uma pessoa com o dom da clarividência, um filósofo na sociedade, vê a luz e se liberta de sua ignorância, mas ao voltar para a caverna e ao tentar iluminar as outras pessoas é rejeitado e morto por eles.

Assim como o filósofo de Platão, Monteiro Lobato nos convida a enxergar uma nova situação, uma nova maneira de nos comportarmos perante os problemas sociais e econômicos para que a sociedade se torne mais desenvolvida, moderna e digna.

## **Conclusão**

Ao fazer a análise do romance *O presidente negro* de Monteiro Lobato foi possível estabelecer uma relação com as preocupações temáticas do tempo do autor com os dias de hoje, fazendo assim, uma representação da realidade dos problemas e discussões que precisavam ser feitas já naquela época e que são atuais nos dias de hoje.

Portanto, o romance mostra seu valor como um gênero que cumpre seu papel social, demonstrado através de seus temas polêmicos, sua estrutura, forma e organização.

O papel do leitor em relação a esta obra é de estar diante de um romance "futurista", mas que tem como eixo propulsor e um retorno seguro o próprio presente. Os temas abordados por Miss Jane, apesar de estarem localizados num país distante e num tempo distante, diz respeito, sim, a realidade pobre e

atrasada do Brasil do início do século XX. Provocar no leitor estas reflexões, para Monteiro Lobato, era algo obrigatório e necessário.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. A pessoa que fala no romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. Tradução: Aurora Bernadini. São Paulo: EDUNESP, 1998

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo: Atual, 1986.

LOBATO, Monteiro. *O presidente negro*. São Paulo: Globo, 2008.

---

Artigo recebido em 06/03/2009 e publicado em 30/09/2009.